

Italianos ajudaram a construir a nova capital

Os primeiros chegaram ainda em

1956, e se instalaram na Cidade Livre, onde trabalhavam

CARMEN CRUZ
Da Editoria
de Cidade



No alto-falante espelhado na ponta do poste central da Cidade Livre, trepidava um batão prazeroso. Mais tarde, os solitários haveriam de marcar encontros com raparigas faceiras. Os namorados ofereceriam músicas. Era manhã de 1957 e os trabalhadores se preparam para mais um dia de se-meadura da nova capital. O locutor, um brasileiro que só encerrava a programação quando ninguém mais se dispunha a pagar pelos seus préstimos, parou a música, de repente, para anunciar a chegada de um novo disco.

— E agora, meus amigos, vamos transmitir um disco espetacular, que louva à juventude...

(Era grande a expectativa). Segundo depois, o alto-falante distribuía, retumbante, para toda a comunidade, a marcha "Giovinezza! Giovinezza!", expressão máxima do fascismo de Benito Mussolini. Os mais de 30 italianos da cidade foram sacudidos pelo compasso. Não viram se, inocentemente ou não, algum brasileiro deixou-se embalar, mas não tiraram os olhos do italiano Alessandro, que era caixa de um pequeno circo instalado nas imediações. Com um brilho assustador no rosto, Alessandro largou tudo o que fazia e saiu correndo para comprar o disco.

Dezenas de episódios como este são temperados com muito humor pelos italianos que vieram para Brasília, quando a cidade sequer engatinhava. Democratas, socialistas, liberais, comunistas e até fascistas, não importa. Eles vivem "amalgamados" com o povo brasileiro e só têm de diferente as lembranças da Itália que ficou. Monárquica ou republicana, destruída ou emergindo das cinzas.

O italiano está em Brasília desde 1956, quando o engenheiro Giorgio Veneziani, natural de Turim, Norte da Itália, veio ver de perto o que se anuncjava com tanta euforia no Rio de Janeiro. Era proprietário de uma marmoraria naquela capital e aqui no planalto foi responsável pelo mármore colocado no Palácio da Alvorada, no Congresso Nacional, na Catedral e em dezenas de outros prédios públicos.

Giorgio Veneziani morou com toda a família em um barraco de tábua, ao lado de onde seria construído o Alvorada. Acompanhou o crescimento da cidade com espantosa dedicação e mais recentemente foi convidado pelo arquiteto Oscar Niemeyer para forrar de mármore o Panteão da Liberdade Tancredo Neves.

Hoje, a colônia italiana no Distrito Federal é calculada pelo Departamento de Polícia Federal em mais de 2 mil pessoas, considerando os filhos e netos de italianos de origem. Grande

solidariedade de outro italiano. Ugo Buresti, que ainda mora em Brasília, à época representante de materiais de eletricidade, salvou quase todo o acampamento da destruição durante um incêndio. Os barracos eram construídos muito próximos uns dos outros e quando o fogo começou de um lado ia até o fim da rua.

No segundo grande incêndio na Cidade Livre, ao perceber que nenhum barraco ficaria em pé se o fogo não fosse interrompido, Ugo Buresti pediu ajuda aos amigos e destruiu, em minutos, o seu próprio barraco. Buresti mora hoje em uma grande casa no Setor de Mansões, no Lago. Durante muito tempo foi o presidente do Rotary Clube em Brasília.

A comunidade italiana está espalhada pelo Plano Piloto e cidades-satélites. Os que se ocupam da agricultura se concentram no município de Luziânia e pouco contato fazem com os imigrantes da cidade. No inicio da década de 60, eles tentaram se reunir fundando o Círculo Italo-Brasileiro, que funcionava na 704 Sul, mas o desprendimento e a descontração, que marca a vida do italiano onde quer que ele esteja, impidiu que o círculo se solidificasse. O representante do governo italiano em Brasília, Giovani Simonini, fundou, quase à mesma época, uma escola chamada Escola Italiana Américo Vespúcio, mas os cursos não atraíram ninguém e a escola acabou poucos meses depois.

Mas, outra família italiana que ficou raízes no Planalto, a dos irmãos Strangadano, há 15 anos faz funcionar no Plano Piloto o Instituto de Língua Italiana, atualmente na 307 Norte. Vincenzo Strangadano tem mais de 200 alunos, na maioria brasileiros, trabalha com mais dois professores e ensina desde o bá a bá até a história de seu país.

Outros vieram de Goiânia, como a italiana Adeile Ricci, que chegou em 1956 quando Brasília era habitada por cobras, emas elegantes e veados. "Uma santa mulher" — lembram, com carinho, seus amigos. Foi ela quem abriu o primeiro restaurante italiano na Cidade Livre. Veio com Gastone Zavarro, que instalou o Hotel Belvedere, que começou sob uma grande lona.

No período da seca, Zavarro adiantava a cons

trução, mas em centenas de noites os seus hóspedes deitavam e ficavam admirando as estrelas. Quando havia chuva a lona alerigava todos. Os quartos eram bem pequenos e Zavarro tinha um papagaio que era insuportável. Durante um temporal — que mais parecia um dilúvio — o papagaio começou a cantar, no meio da noite: "Lá em casa não tem água nem pra cozinhar". Os hóspedes quase o mataram.

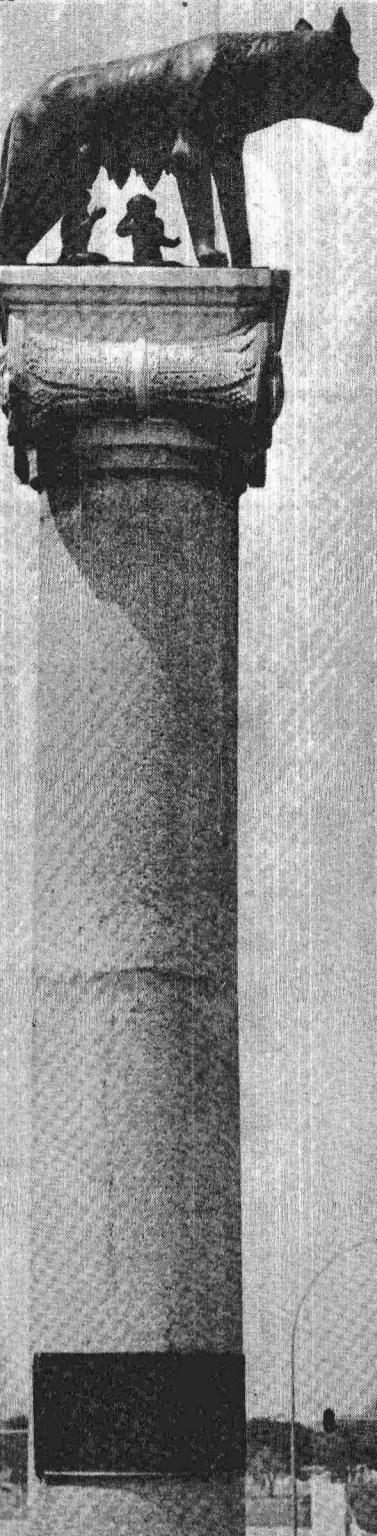
SOLIDARIEDADE

Se as chuvas do Planalto serviram para registrar a hospitalidade de Zavarro, a seca e os incêndios que reduziam a cinzas inúmeros barracos da Cidade Livre também marcaram a

solidariedade de outros italiani. Ugo Buresti, que ainda mora em Brasília, à época representante de materiais de eletricidade, salvou quase todo o acampamento da destruição durante um incêndio. Os barracos eram construídos muito próximos uns dos outros e quando o fogo começou de um lado ia até o fim da rua.

No segundo grande incêndio na Cidade Livre, ao

EUGÉNIO NOVAES



A coluna que sustenta a Loba tem mais de 2 mil anos

Tradição se mantém

Os imigrantes italianos

não falam muito da Ordem Soberana e Militar de Malta, apesar de suas origens estarem na aristocracia italiana e na própria Igreja. Criada no século XII, em função das primeiras cruzadas, a Ordem só aceitava pessoas que comprovadamente fossem de famílias nobres. Em Brasília, a Ordem de Malta está sediada em um prédio com grades verdes, uma fachada em vermelho e branco, e um toldo com uma grande "estrela de malta", na CRN 507.

Alguns imigrantes residentes em Brasília, como Giovani Simonini ou o próprio conselheiro cultural da Embaixada,

Picheca, referem-se à Ordem como sendo uma organização benéfica ou de caráter filantópico. Pela sua história, entretanto, a Ordem é um dos mais fortes organismos de extrema-direita no mundo atual. O estudo

so de Soberana Ordem, que usa o nome de Francoise Hervet, divulgou recentemente um trabalho na revista CovertAction, norte-americana, mostrando situações em que, embora os Estados Unidos sempre esteve dirigindo e financiando operações militares contra "Estados e idéias considerados ameaçadores ao seu poder-

rio".

Segundo Francoise, ser um "cavaleiro" da Ordem implica, não só participar de cerimônias de iniciação com roupas próprias dos ritos feudais, mas adotar uma ideologia em que sociológica e psicológicamente seja predisposto a funcionar como "tropa de choque" das forças reacionárias católicas. Ele fala de uma Ordem contribuindo para a ascensão de Hitler, condecorando espionas nazistas que atuaram na União Soviética, influenciando a nomeação de escalões da CIA, ou se unindo a americanos contra a revolução bolchevique. Francoise comenta também a estreita ligação entre a Ordem e o Vaticano, detalhando ainda reuniões de seus membros com os integrantes da fascista Loja Maçônica P-2 italiana.

O mesmo documento mostra uma Ordem comprometida com forças reacionárias, ostentando sempre a fachada de "organização humanitária, altamente preocupada com o sofrimento dos pobres e enfermos de todo o mundo". Suas articulações, e a transferência de milhares de dólares de um canto a outro do mundo em nome de uma disposição em eliminar a lepra das Américas.

Penso que poderia transportar mercadorias para o abastecimento da comunidade, ou ainda carregar os trabalhadores, ou até mesmo material para construções. Só que ignorando a preocupação de Marino em manter sempre as ruas limpas, a Novacap o mandou coletar lixo nas ruas. A imagem do marquês Marino, vestido em alta elegância ao volante do Tornicof, era simplesmente surrealista e ainda hoje é lembrada pela colônia. Marino conservava os vidros fechados para se livrar do mau-cheiro, enquanto dois homens fortes corriam com as latas de lixo em direção ao carro. Todo dia, lá vinha Marino com as milhares de moscas. Depois, voltou para a Itália.

Tudo começou com D. Bosco

O envolvimento de imigrantes italianos com Brasília começou muito antes de sua inauguração. Em 1883, foi um italiano, de Castel Nuovo, quem profetizou a construção da Capital da Esperança em terras do Plano Central. Dom Bosco é reconhecido pelo Governo do Distrito Federal como o Patrono de Brasília. Na consolidação do sonho de Dom Bosco os italianos desempenharam papel fundamental.

Um dos pioneiros dessa colônia, o embaixador Enrico Giglioli, que se casou com uma brasileira e ainda hoje mora em Brasília, foi o grande responsável pela transferência de uma coluna, de mais de 2 mil anos de idade, de Roma, para sustentar uma réplica da Loba Romana, em frente ao Palácio do Buriti, sede do Governo do DF. Foi ele quem promoveu ainda a caracterização das semelhanças entre Brasília e Roma que, com a diferença de quase 30 séculos de idade, têm a mesma data de fundação: 21 de abril.

O governador José Apa- recido não perde a oportunidade de enumerar as coincidências que marcam as duas cidades e sugere que, a exemplo de Roma como capital que deu origem a uma grande nação, Brasília seja o início de uma nova época para o Brasil.

Falar que o primeiro italiano a chegar em Brasília foi o engenheiro Veneziani é pouco para essa gente. A boca pequena foram falar para o comerciante Giovani Simonini, hoje da Generali do Brasil e ele passou adiante, que quando era celebrada a primeira missa, ao redor do cruzeiro improvisado, autoridades civis e militares se esforçavam para uma maior reflexão, mas não conseguiam. E que havia uma meia dúzia de índios que aproveitava a ocasião e vendia flechas, arcos e outros objetos, que hoje são encontrados em abundância nas lojas de souvenir.

Intrigado com a ousadia dos índios, Israel Pinheiro resolveu pôr um fim àquela situação. Um dos índios falava e gesticulava mais que os outros, conseguindo em pouco tempo vender quase tudo o que trouxera.

Mas, para ele, o fato que mais marcou a disposição e a luta do italiano na Cidade Livre, foi a experiência do marquês Marino, de tradicional família de Nápoles. Em 1957, Marino se desentendeu com um tio, na Itália. O tio não quis perdoá-lo. Comprou uma passagem para o Brasil e despejou Marino, para além.

O marquês Marino comprou um Tornicof — caminhão alto, como os utilizados na Primeira Guerra Mundial — e viajou Brasil adentro. Vários dias depois, tentando ainda manter a postura elegante, prejudicada pela poeira e pelos solavancos, Marino chegou a Brasília vindos diretamente de Novacap, onde todos tinham suas tarefas definidas.

Penso que poderia transportar mercadorias para o abastecimento da comunidade, ou ainda carregar os trabalhadores, ou até mesmo material para construções. Só que ignorando a preocupação de Marino em manter sempre as ruas limpas, a Novacap o mandou coletar lixo nas ruas. A imagem do marquês Marino, vestido em alta elegância ao volante do Tornicof, era simplesmente surrealista e ainda hoje é lembrada pela colônia. Marino conservava os vidros fechados para se livrar do mau-cheiro, enquanto dois homens fortes corriam com as latas de lixo em direção ao carro. Todo dia, lá vinha Marino com as milhares de moscas. Depois, voltou para a Itália.

Na Anema & Cuore que ela e os filhos, Maurício, 24 anos, Marcelo, 21 e Eduardino, 17, além da nora Débora



Marchetti na W-3, em 1959: um pionheiro

Marchetti veio, viu e venceu

O primeiro carro de passageiros a chegar a Brasília foi o Dodge de cor branca, com portas de madeira, de propriedade do italiano Marco Marchetti, que havia deixado Pesaro, no centro-norte da Itália para um passeio na América do Sul e resolveu ficar no Brasil. Foi trabalhando na Ligh, no Rio de Janeiro, que ele conheceu o coronel Uzedo. Aconselhado a acreditar em Brasília, não pestanejou.

Chegou em março de 1957, trazendo uma fabriqueta de tijolos. Toda a comunidade lembra que durante as primeiras noites Marco Marchetti não deixou ninguém dormir, tentando fazer funcionar a sua engenhoca, por acreditar que ela ainda lhe renderia muito dinheiro. Se hospedou no Hotel Belvedere, de Zavarro e trabalhou sem medir esforços durante os primeiros anos no Planalto.

Conseguiu fazer sua casa no Núcleo Bandeirante, mas em 1958 venceu uma concorrência para construir uma ponte no rio Ca-

Um porta-voz da colônia

Representar o povo italiano no Distrito Federal durante todos esses anos é privilégio para o veterano Giovani Simonini de Barga. Era com ele que o presidente Juscelino Kubitschek falava quando queria se dirigir à colônia italiana. E mesmo nos anos seguintes à sua luta pela integração dos compatriotas em terras tão distantes o destacou como representante máximo do governo italiano em Brasília.

Quando veio para o Brasil Simonini deixou um emprego de funcionário público na Itália, mas a tropicidade brasileira não o deixou voltar. Eram tempos negros na Itália, 1946, pois apesar do fim do regime fascista, o país caminhava para a República em meio a grande destruição. Um navio norte-americano, que segundo ele, era movido a óleo cru (risos), o levava para um cruzeiro pela América do Sul, mas a simpatia de uma família paulista o convenceu a ficar no Brasil.

Viveu em São Paulo como representante de algumas empresas italianas e

ra Pinheiro Machado, deixou transbordar a alegria contagiosa e a animação que só o ritmo da tarantela, acentuada pelas batidas dos guisos e pandeiros, amarrados aos pés das mesas, pode enriquecer. Ela reúne todos os amigos que apreciam as tradicionais massas servidas em sua casa, conquistando também a simpatia de brasileiros que nunca haviam experimentado seus pratos, como é o caso do funcionário da Caixa Econômica Federal Paulo Jorge, que na última sexta-feira saboreava um prato à moda da casa.

Neusa Orlando é neta de italianos e veio para Brasília em 1961, quando o pai faleceu em São Paulo. Trabalhou com advogados da Antártica e depois prestou concurso público indo para o Senado, onde está até hoje. Com 47 anos, Neusa realizou um sonho que era de toda a família: abriu a Cantina Anema & Cuore, na CLS 203.

E na Anema & Cuore que ela e os filhos, Maurício, 24 anos, Marcelo, 21 e Eduardino, 17, além da nora Débora

Salaparut e o Chianti Rufino.